

O sertão mineiro nas observações de Spix e Martius¹

Resumo

Graduanda de História
da Universidade Vale do
Rio Doce Bolsista de
Iniciação Científica –
BIC-FAPEMIG
Orientador: Prof. Dr.
Haruf Salmen Espindola
novosfilhosdeclio@gmail.com

O século XIX foi marcado pela presença de naturalistas viajantes no Brasil, dentre eles os alemães Joahnn Baptist Ritter Von Spix e Carl Friedrich Philip Von Martius. Este trabalho tem como proposta analisar as observações sobre Minas Gerais, feitas pelos dois naturalistas no início de século XIX, uma vez que constituem importante testemunho histórico. Serão abordadas especificamente as observações referentes ao sertão mineiro. Em seus relatos os dois viajantes refletem as concepções do século XIX, marcadas pelo paradoxo entre litoral e sertão que estiveram presente no processo de construção da nação brasileira.

Palavras-chave: Naturalistas Viajantes, Minas Gerais, Sertão.

Abstract

The Sertão Mineiro vision in the observations of Spix and Martius
The XIX century was marked by the presence of naturalist travelers in Brazil, such as the germans Joahnn Baptist Ritter Von Spix and Carl Friedrich Philip Von Martius. This study has the objective to analyse the work produced in the early XIX century by both naturalists about their observations of the region of Minas Gerais state. It will approached only the observations concerning the region of Sertão Mineiro (mineiro's backlands). In their historical testimonial they reflected the XIX century conceptions, marked by the paradox between the coast and the backlands that had been present in the construcion of the brazilian nation.

Key words: Naturalist travelers, Minas Gerais, Sertão (Backland).

Enviado em 27 de janeiro
de 2008 e aprovado em 16
de março de 2008.

1. O presente trabalho é fruto de um projeto mais amplo denominado *O olhar estrangeiro sobre o Brasil: espacialidade e territorialidade no pensamento dos naturalistas viajantes*, do Prof. Dr. Haruf Salmen Espindola, no qual sou bolsista de iniciação científica e onde tive o primeiro contato com as fontes aqui trabalhadas.

O século XIX foi palco de profundas transformações sociais, econômicas e culturais, marcando definitivamente o desenvolvimento da ciência. Outros elementos importantes foram a emergência do nacionalismo europeu, o fortalecimento do sentimento de identidade cultural e étnica e a consolidação de um modo de vida urbano cada vez mais sofisticado, que se estenderam para longe da Europa. No Brasil, a partir da presença da família real portuguesa, os novos valores e o estilo de vida europeu fazem eco e provocam mudanças: era preciso modelar o país e dar-lhe um formato civilizado.

A abertura dos portos em 1808, mais do que resposta às motivações econômicas e para além das conseqüências produzidas, representou o rompimento do pacto colonial e o início de uma nova etapa histórica. Entre as novidades, o Brasil passou a receber estrangeiros, particularmente viajantes naturalistas interessados em conhecer a natureza tropical da América. Junto com esses naturalistas também aportaram os interesses estratégicos das potências européias, particularmente da Grã-Bretanha, motivados pelas potencialidades econômicas e sociais do Brasil.²

No início do século XIX nota-se a preocupação com a existência de uma identidade nacional, embora essa questão ainda fosse incipiente. A Constituição de 1824 definiu como brasileiros os nascidos no Império do Brasil, mas estabeleceu como efetivos os que possuíam posses e, desta forma, delimitou o conceito de cidadania a uma parcela reduzida da população, já que os homens livres e pobres acabavam por não fazer parte da mesma. Para muitos dos estrangeiros o tipo de colonização portuguesa, juntamente com a escravidão, explicaria o atraso do Brasil. Embasados na idéia de civilização, centrada na Europa e no mundo social do qual faziam parte, a identidade nacional era interpretada como um indicador da mudança e do progresso social.

O presente trabalho tem como objetivo analisar os relatos dos naturalistas Johann Baptist Ritter Von Spix e Carl Friedrich Philip Von Martius, que estiveram em Minas Gerais no início do século XIX, particularmente suas observações referentes ao sertão mineiro.³ Dessa forma, os relatos desses naturalistas representam uma importante fonte de informação histórica para a compreensão do processo de territorialização de Minas Gerais, uma vez em que nele nos deparamos com o paradoxo entre litoral e sertão, caracterizados por traços contrastantes.

Sérgio Buarque de Holanda descreve o início do século XIX como um “novo descobrimento do Brasil”, sendo também neste século que as expedições não só científicas, mas artísticas produziram um conhecimento sobre o território americano, motivado pela abertura dos portos e pela construção do Império (LAHUERTA, 2006: 01). Spix e Martius chegaram ao Brasil em 1817, juntamente com a comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina que se casaria com o príncipe Pedro de Portugal. Os naturalistas alemães percorreram grande parte do território brasileiro, sendo sua viagem caracterizada pelas observações científicas e culturais, e o uso de itinerários que alcançaram lugares até então pouco explorados, dentre eles o sertão mineiro.

Spix e Martius eram filhos do século XVIII, ou seja, “herdeiros das luzes” e da nova concepção de ciência e do racionalismo, da vontade de dominar a natureza e guardar registros dela. Todo esse processo de apropriação pelo conhecimento tinha uma direção bem clara: da Europa partiam os viajantes, imbuídos de um conhecimento que lhes conferiam poder, para uma América a ser observada e desvendada, cujos habitantes e tudo mais eram exóticos e “inferiores”, ainda intocados pela civilização (LAHUERTA, 2006: 03).

2. A historiadora Karen Macknow Lisboa (1997) trabalha esse momento a partir de uma idéia de “múltiplos olhares”, segundo a mesma o território brasileiro por apresentar uma grande heterogeneidade acabou servindo de laboratório para os estudos sobre as diferenças raças e culturas. Tendo como base de sua pesquisa os trabalhos e relatos dos estrangeiros que visitaram o Brasil no início do século XIX, a pesquisadora consegue articular as idéias destes com a formação do Estado Nação, contudo para a mesma os estrangeiros teriam ignorado muitos aspectos ao se voltarem para a história de outro país, agindo de forma um tanto preconceituosa.

3. No período de 1817 a 1820 Johann Baptist von Spix (Zoólogo) e Carl Friedrich Philipp von Martius (Médico e Botânico) estiveram no Brasil. Das suas andanças, recolheram materiais e fizeram anotações que permitiram escrever o livro *Reise in Brasilien*, publicado em 1823 na Alemanha (München). Em 1938 foi traduzido por Lúcia Furquim Lahmeyer, revisto por B. F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães com o nome de *Viagem pelo Brasil*. Spix e Martius fizeram parte do séquito da arquiduquesa austríaca D. Leopoldina, que se casaria com D. Pedro I.

A maioria dos viajantes buscou mostrar as diferenças físicas, humanas e econômicas entre os lugares visitados, estabelecendo comparações entre eles. Outra característica importante foi o modo com que os naturalistas registraram essa experiência (CARVALHO, 2007: 03). Os relatos são marcados pela observação objetiva da natureza e pela produção de representações sociogeográficas para europeus que, a partir daí, construíram sua identidade em oposição ao que passou a ser o “resto do mundo” (DUARTE, 2002: 268). Os naturalistas conseguiram unir as diferenças teóricas de sua época, conjugando missão científica com “vigem sentimental”, assim a natureza dos trópicos seria numa definição romântica, uma espécie de refúgio para as “almas angustiadas” (LAHUERTA, 2006: 03).

Dessa forma, devido à forte influência do romantismo podemos observar nos relatos uma disfarçada crítica ao excesso de regras acadêmicas, que reprimiam as emoções e limitavam a criatividade. Em seu lugar encontramos a liberdade individual de expressão, espontaneidade, originalidade e sentimentalismo romântico. A grandiosidade do cenário natural do Brasil é contraposto à sua gente e cultura, por meio de considerações que acusam uma inferioridade das mesmas frente ao homem e sociedade da Europa (LAHUERTA, 2006: 04).

Os viajantes naturalistas foram pontos de encontro entre dois mundos e, no contato com o novo mundo, estabeleceram relações com as várias partes de um território em construção chamado Brasil e com suas diversas territorialidades. Sendo assim, mais do que meros testemunhos para a compreensão da história nacional, os relatos de Spix e Martius servem para avaliarmos a espacialidade resultante da dinâmica histórica que estava produzindo diferentes territórios e múltiplas territorialidades.

Esse estudo privilegia os relatos sobre Minas Gerais, especificamente sobre o sertão mineiro. O território mineiro, em 1822 (época em que os relatos foram escritos), havia se configurado como centro político do Império Brasileiro (LUZ, ABREU, 2006: 02). Em sua *Viagem pelo Brasil*, os naturalistas nos remetem as questões sociais e à natureza pródiga de Minas Gerais, no qual o sertão se apresenta como uma paisagem ambígua, isto é, considerado como potencialidade de riquezas e manifestação da força da natureza tropical, mas por outro, é lugar “sombrio” e “decadente”, povoado de “gente preguiçosa” e provocador de solidão.

O sertão como um território ambíguo

“Acho-nos agora no sertão, como denominam os mineiros a vastidão deserta, na sua linguagem usual”. É dessa maneira que Spix e Martius iniciam seu relato sobre o sertão de Minas. O sertão é paisagem desconhecida, mas possível de ser conquistada, incorporada e modificada.⁴ De um lado uma paisagem que diferia de tudo que até então tinham visto, mas por outro era o encontro com a natureza e o *homem sertanejo*.

Ao penetrarem o sertão mineiro, os naturalistas destacam como era diferente sua paisagem das regiões anteriormente visitadas, no qual as vilas e povoados se distribuía no alto da cordilheira central. Os terrenos montanhosos aos poucos cederam espaço para as planuras cobertas por cerrado “que se estendia até o perder de vista”, fazendo com que os naturalistas ao compararem o “esplendoroso Distrito Diamantino” com o sertão, caracterizassem o segundo pelo vazio e ignorância de sua gente (SPIX, MARTIUS, 1976: 66). A natureza que provocava espanto ao viajante não deixava de estar relacionada ao sentimento de pertencimento a um determinado lugar, ainda que distante de sua terra, mas que possuía certa semelhança. Isso explicaria as menções comparativas dos viajantes, bem como a classificação que fazem dos elementos encontrados e a representação que constroem sobre o sertão.

4. Segundo Espindola (2007) no século XIX este termo foi empregado para indicar diferentes tipos de lugares, porém não desabitados, mas ausentes de atividades que produziam para o mercado, nesse contexto o sertão de Minas Gerais foi espaço de fronteiras abertas e de possibilidade de expansão.

O decorrer do século XIX assistiu a um crescente otimismo dos europeus em relação a si próprios e à cultura da qual participavam. Evolução, progresso, produção e civilização são motivos de orgulho a ponto da incompreensão e intolerância de qualquer outra sociedade em que os homens pudessem viver de forma diferente (DUARTE, 2002: 278). Embora algumas qualidades do homem sertanejo fossem ressaltadas pelos naturalistas, este acabou sendo representado pela sua divergência em relação aos homens das outras partes de Minas Gerais. Na visão dos naturalistas, o homem sertanejo era marcado pela falta de intelectualidade e baixa civilidade, diferente se seus “irmãos do sul” possuíam traços rudes e faltavam-lhes “instrução” e delicadeza no trato e comportamento. Para Spix e Martius as explicações estavam na solidão constante do sertão e no contato íntimo com a natureza, ou seja, o homem sertanejo era rude por se encontrar num “estado de natureza”.

A idéia de que no sertão a lei era frouxa contribuiria para flexibilizar a moralidade e regras sociais, o que faria os “homens e mulheres se deixassem contaminar pelas práticas sensuais”. Isso seria a causa da tamanha mestiçagem que tanto impressionou negativamente os viajantes. A impressão que se tem, pelo olhar dos naturalistas estrangeiros, é de que o sertão mineiro está tão longe do próprio território de Minas como está do litoral (Rio de Janeiro) ou de Paris ou Londres.

O relato é marcado pela discussão da dualidade entre litoral e sertão, em que este é sinônimo de atraso e resistência ao progresso e ao processo civilizatório que entra pelo litoral. Essa idéia se conservou até as primeiras décadas do século XX, justificando o esforço nacional para a construção das ferrovias, saneamento e interiorização do Estado. Pode-se afirmar que a idéia de sertão se transformou numa metáfora para a compreensão do Brasil (TRINDADE, 1999: 60).

A prática de observação do território é antes de tudo uma ocorrência histórica. O tamanho do território brasileiro juntamente com a ausência de referências humanas contribuía para a imagem depreciativa de sua natureza e população (RATTES, 2006:04). Entretanto, as expedições dos naturalistas viajantes propiciavam um contato mais íntimo com a natureza e, ao mesmo tempo, os retirava da monotonia do gabinete e de um universo solitário. Nesse sentido, Spix e Martius contribuíram para a construção de um imaginário sobre o sertão de Minas Gerais influenciados pelas dificuldades enfrentadas no decorrer do caminho, que os faziam enfatizar elementos paisagísticos dicotômicos, que sobrepunham uma visão do paraíso à de um inferno (LUZ, ABREU, 2006: 10-11).

Nas andanças por Minas Gerais os naturalistas enfrentaram dificuldades diversas: o perigo do caminho, o clima quente, a mata, os mosquitos, as febres, as doenças e o medo frente uma população desconhecida. Daí a importância de levar as fontes ao constante questionamento, pois no decorrer da busca para a compreensão do olhar dos viajantes pelo interior mineiro, corremos o risco de cometermos julgamentos de valores, já que seus relatos incorporam os preconceitos e os desabaços mal-humorados de um trabalho árduo, causados pelo cansaço e dificuldades do caminho (LUZ, ABREU, 2006: 14).

As dificuldades aparecem de forma clara nos relatos, nos muitos momentos em que os naturalistas anunciam que precisaram interromper a viagem por causa das febres e convulsões que os assolavam, esses problemas anos mais tarde levariam Spix a falência, deixando a Martius a responsabilidade de catalogar os relatos ⁵. Assim, ao visitarem o sertão mineiro os naturalistas destacam a presença marcante das doenças e a carência da população, que muitas vezes os procuravam para realizarem os ofícios médicos. Para eles, o contexto sertanejo favorecia a

5. Spix e Martius se embrenharam por um trópico “hostil”, enfrentaram algumas doenças e de acordo com alguns pesquisadores entre eles Lisboa (1997), Spix teria morrido debilitado por causa de uma malária mal-curada.

6. Ancilostomíase, também conhecida por amarelão, é a verminose mais comum no Brasil, principalmente no meio rural. Os vermes se instalam no intestino e sugam o sangue para se alimentar. Os ovos são expelidos pelas fezes e transformam-se em larvas que invadem outras pessoas por meio da pele, ao pisar nas fezes ou comer alimentos infectados, inclusive por moscas que pousam nos alimentos depois de terem tido contato com as fezes contaminadas. A doença manifesta-se pela palidez (amarelão), pela falta de ar e fadiga (preguiça) e pelo hábito de comer terra. Fonte: Guia Brasileiro de Vigilância Epidemiológica, 1988. Disponível em <http://www.pgr.mpf.gov.br/pgr/saude/doencas/epid/ancilostomiose.htm>.

disseminação de doenças, sendo muito difícil realizarem ali as chamadas medidas profiláticas. De acordo com os naturalistas os hábitos do povo, faziam com que o sertão servisse de terreno fértil para a propagação das doenças. As doenças mais comuns do sertão também foram observadas no Distrito Diamantino.

Os sertanejos sofriam principalmente de doenças crônicas no peito, hidropisia e uma “nova doença” causada pelo hábito de se comer terra, “tão estranho que parece ter passado dos animais para os homens”.⁶ Conforme os viajantes, por não ser esse material digestoso, o mesmo não poderia ser eliminado pelo organismo, e acabava causando uma inchação abdominal que logo se revelava pela enorme barriga das crianças, pela palidez dos seus rostos e pelos traços “frouxos e balofos”. Essa doença misteriosa fazia com que o crescimento cessasse completamente, e logo levava a “desgraçada” vítima à falência, caso sobrevivesse sofreria eternamente violentas câimbras ou a hidropisia (SPIX, MARTIUS, 1976: 75).

A hidropisia⁷ por sua vez, seria a reação do organismo a uns dos vícios sertanejos: o alto consumo da cachaça. Para os naturalistas, a falta do que fazer e a solidão do sertão faziam com que seus habitantes, principalmente os pertencentes às classes mais abastadas, se deixassem levar pelos vícios do álcool e do jogo, se tornando “decadentes” e “grosseiros”. Os viajantes, no entanto, negam terminantemente que o consumo da bebida tenha sido introduzido pelos europeus e afirmam que os habitantes originais já conheciam bebidas fermentadas inebriantes (LISBOA, 1997: 153).

As vestimentas do sertanejo eram “rudimentares”, feitos de tecidos “grosseiros”, como a chita, e usavam quase sempre calças curtas. Esta simplicidade também se estendia as mulheres e crianças. As melhores roupas eram guardadas para dias de festas, sobretudo religiosas, e acima de tudo, faltavam-lhes chinelos.

O Norte de Minas era diferenciado na parte do alto sertão (as gerais), que lhes pareceram muito mais saudável do que os arredores próximos do rio São Francisco. No alto sertão havia uma sociedade numerosa e de extraordinária fecundidade, pois ao contrário da Europa dita “civilizada”, ali a taxa de natalidade era bastante elevada (SPIX, MARTIUS, 1976: 73). Os relatos apresentam situações de pouca veracidade e que indicariam excelentes condições de vida, contrariando outros trechos que relatam a pobreza e dificuldade da vida sertaneja. Esses são os casos da mulher de cerca de 50 anos, moradora de Contendas, que teria 204 descendentes vivos; e outro da mulher de 70 anos que casara com um “velho” da mesma idade, porém contrariando as estatísticas da época, teria dado a luz a trigêmeos, que ainda viviam no período da visita dos viajantes.

Os naturalistas, além da alta taxa de fecundidade, também apontaram existir uma baixa mortalidade infantil. Eles afirmam que as relações amorosas se iniciavam precocemente, o que levava mulheres muito jovens (em torno dos 20 anos) a serem mães de “oito ou 10 filhos”. Como eram poucos os casos de complicações e mortes no parto, nasciam cerca de 80 pessoas por ano, enquanto no mesmo período morriam apenas três ou quatro. A preocupação dos viajantes se volta para uma avaliação moral dos habitantes como fator explicativo do elevado número de nascimentos: a “falta de frescura” que levava as mulheres a se aventurarem muito cedo nas relações amorosas. Entretanto, isso teria um alto custo para as mesmas, que cedo tinham a fisionomia delicada alterada, tornando-se obesas e de traços grosseiros (SPIX, MARTIUS, 1976:74 - 75).

A avaliação moral se estende aos homens. Apesar da miséria do sertão, essa família numerosa não era vista com sinais de queixas, mas antes de tudo eram o símbolo da virilidade e da “altura gigantesca de seu sexo”. O homem do sertão era o “macho” dotado de libido, cuja maneira de se mostrar para os outros de sua estirpe era pela submissão da esposa e pelo número de filhos, como

7. Hidropisia s.f. Acumulação de um líquido aquoso nas cavidades ou tecido do corpo. - Às vezes chamada *edema*, ocorre em afecções como a doença de Bright, a cirrose do fígado, a anemia, e algumas formas de doença do coração. A hidropisia é causada também por distúrbios na circulação do sangue, podendo ter uma distribuição generalizada ou local em quase todas as partes do corpo, ou pode ser local, isto é, apresentar-se em uma parte apenas do corpo. A hidropisia é mais comum no abdome, no peito, no encéfalo, nos rins, nas pernas e em torno dos olhos. Pode ser reconhecida pela formação de pequenas expressões que persistem quando se faz pressão sobre a parte afetada. Fonte: <http://www.constelar.com.br/revista/edicao66/nostradamushollanda3.htm>

se a natureza que os havia cercado de muitos inimigos, quisesse brincar de Deus e indenizá-los concedendo-lhes o necessário para uma vida simples e os abençoando através de uma família numerosa (SPIX, MARTIUS, 1976: 76). Os viajantes não conseguiam compreender como em pleno sertão mineiro uma população vivia de maneira tão “decadente” e possuía essa “incoerente” visão, formulando para isso respostas empíricas.

Os naturalistas formularam um discurso etnocêntrico que reforçava o mito da superioridade européia, sobretudo a germânica frente a outras culturas. Em Spix e Martius não existe uma transformação histórica da natureza, mas ao contrário, a natureza moldava o sertanejo, produto da ausência de civilização. A explicação estava na paisagem, que era mais do que a aparência da realidade, ou seja, aquilo que nossa visão capta. Não se percebia o território como natureza e história, impregnado de relações sociais, econômicas e políticas travadas entre os homens e deste com o ambiente (COSTA, 1988: 66).

Assim, as diferenças entre europeus e sertanejos foi interpretada resultado da natureza e da falta de civilização, tendo a mestiçagem cooperado para tamanha depreciação do sertão, já que ali apenas uma parcela mínima da população era puramente européia. De certo modo, nota-se que mesmo acreditando serem portadores de um olhar “neutro”, impregnados do desejo de cientificidade tão característicos do período, que buscava a transição fiel e objetiva da realidade vista e vivida, despida de qualquer intenção que escapasse a reprodução fidedigna do real, os naturalistas reproduziam, em parte, os elementos que traziam em suas próprias bagagens culturais (QUEIROZ, 2006: 02). Ao terem a Europa como referência e o modo de viver dos europeus como modelos a ser seguido, Spix e Martius acabaram desconsiderando o sertão como cultura e civilização peculiares, com identidade específica, chegando até mesmo a propor que este fosse transformado em um “viveiro humano”.

Entretanto, havia bem mais em jogo que essas representações sobre o sertão e opiniões sobre os sertanejos, já que também podia ali haver o progresso. Isso o fazia espaço ambivalente. Essa valorização do espaço-sertão como fronteira para a expansão da economia e da civilização esta ligada ao processo de formação do território brasileiro.⁸ Daí a importância de se compreender o olhar estrangeiro sobre o território, no contexto de sua gênese como Estado-Nação, pois os naturalistas viajantes não se interessaram somente por objetos relacionados às ciências naturais, mas fizeram considerações importantes sobre economia, sociedade, política, cultura, geografia, ambiente, ou seja, elementos fundamentais para a discussão do processo de constituição das múltiplas territorialidade e dimensões espaciais do vivido territorial.

O domínio lusitano na América foi uma estratégia de domínio territorial, decorrendo daí a configuração do território brasileiro e, nesse contexto, a formação de Minas Gerais não foi diferente. (ESPINDOLA, 2005). Para os naturalistas, a qualidade da gente que foi povoar o sertão contribuiu para a criação do elemento sertanejo “mal-afamado” por suas brigas e seu banditismo, como era o caso dos moradores o arraial de Formigas. A qualidade do homem sertanejo era também atributo da inferioridade do homem americano (indígena) e do negro que haviam contribuído para a composição racial⁹ e, desta forma, teria enfraquecido a raça branca por meio da miscigenação.

Os naturalistas tecem consideração sobre os resultados da mistura das três raças que originaram os sertanejos, pois a maioria da população era formada de mulatos, “na quarta ou quinta geração”, e por “mestiços de índios com negros ou de europeus com índios”. Essa população que não tinha escravos “devido à miséria geral”, vivia de trabalhar a terra e criar o gado. Spix e

8. O Brasil é um dos poucos países que ainda não tem seu território plenamente construído e no qual a soberania excede o efetivo espaço econômico, sendo a história brasileira ainda na atualidade, um contínuo processo de expansão territorial, cuja gênese remonta o expansionismo lusitano (GENOVEZ, 2007: 02).

9. De acordo com o jornalista e editor de Humanidades da Revista Fapesp Carlos Haag, os positivistas teriam desenvolvido uma tese na qual os indígenas não eram racialmente inferiores, mas viviam num estágio anterior da evolução social, mas não racial. HAAG, Carlos. *Um sertão chamado Brasil: No centenário da Comissão Rondon, o país ainda padece dos mesmos males*. Disponível em: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/extras/imprimir.php?id=3207&bid=1> Acesso em 25 Maio 2007

Martius centrados nos valores da sociedade cristã ocidental, tratam aspectos, que a antropologia moderna chamaria de culturais, como aspectos inatos. (LISBOA, 1997: 148). Dessa forma, os mulatos e miscigenados acabam não escapando ao “racismo da ilustração”. Na busca por um conceito de “povo” esse eurocentrismo juntamente com outras dificuldades seria o resultado das diversas transformações históricas e obstáculos econômicos e sociais que causavam a instabilidade da população (JANCSÓ, PIMENTA, 2000).

A própria forma com que se deu o processo de ocupação do sertão fez com que o sertanejo fosse obrigado a inventar espaços a cada passo e a sobreviver num mundo de conflitos e de papéis marcados, diferente dos habitantes dos aglomerados litorâneos. E é justamente essa idéia de grandes vazios “incultos” e “desabitados” o grande elemento definidor da noção de sertão (DEL PRIORE, 2000: 80).

Os Naturalistas viajantes, ao percorrer Minas Gerais, no início do século XIX, puderam perceber os contrastes econômicos, sociais e culturais. Em Diamantina a agricultura e o comércio não eram importantes devido à extração dos diamantes e do ouro, entretanto à medida que a atividade mineradora entrou em decadência, a produção agrícola começou a aumentar, mesmo sendo para atender somente as necessidades familiares (MOURA, 2002: 28). Contudo, a busca por riquezas e o sonho do “El Dourado”, fazia com que o comércio e a economia não prosperassem, já que famílias inteiras partiam deixando suas terras. No sertão de Minas Gerais os fazendeiros se ocupavam sempre da criação do gado e suas casas eram na maioria das vezes escassas e pobres, resultados da falta de comunicação, e dos problemas encontrados nas rotas que se resumiam em duas: o longo caminho que tinham que percorrer e o trajeto por mar até chegar ao Porto de Parati (MOURA, 2002: 27). No sertão também era explorado o salitre ¹⁰, deste produto era arrecadado milhares de arrobas que eram remessadas principalmente para a fábrica de Pólvora do Rio de Janeiro, isso enquanto era permitida sua extração.

Na terra, “propensa para o trabalho da lavoura” se cultivava uma pequena variedade: gado, cavalos, couros crus de bois, toicinho, salitre, feijão, mandioca, milho, abóbora, pepino, laranja, pinha, melão e algodão. Em todo o sertão de Minas Gerais se exportava algodão e gado, porém não era um comércio relevante. Os gêneros de primeira necessidade não conseguiam atender plenamente o consumo interno, portanto era necessário importar o que faltava na região, o que resultava num processo infra-estrutural de maior importância (PAIVA, 1996: 214).

Contudo, ao se reunirem com os “brasileiros natos” os naturalistas não conseguem evitar que sejam feitas comparações entre a Europa e o Brasil, por mais que ambos tentassem provar as vantagens de sua “mãe Pátria”, insistiam em que o Brasil tanto por sua posição, quanto por sua riqueza em pouco tempo se transformaria num grande país com uma grande indústria (SPIX, MARTIUS, 1976: 16). Para Spix e Martius, Minas Gerais parecia ser o modelo perfeito do desenvolvimento agrário, e mesmo no sertão esses puderam perceber que o comércio e a riqueza já estavam levando para ali sociabilidade e costumes amenos (SPIX, MARTIUS, 1976: 82).

Contudo, embora os naturalistas chamem atenção para fatos importantes, os mesmos acabaram elaborando teorias negativas que se disseminaram e fixaram uma visão etnocêntrica marcante. ¹¹ A territorialidade em constituição no Brasil e, em particular, o sertão de Minas passou pelo julgamento dos estrangeiros naturalistas viajantes, entre os quais sobressaem Spix e Martius,

10. Nome dado ao nitrato de sódio, também nitro sódico, empregado como adubo azotado mais facilmente assimilável pelas plantas. Tem como fórmula química KNO_3 , é um oxidante forte, e marcante para a fabricação de combustíveis sólidos. É usado pelas indústrias que produzem carnes defumadas e embutidos a fim de evitar a proliferação de bactérias. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nitrato_de_pot%C3%A1ssio. Acessado em 22 agosto 2007

11. Karen Lisboa (1997), em seu livro “A Nova Atlântida de Spix e Martius” nos chama atenção para o fato de que na medida em que foi percebida a presença do estrangeiro no território brasileiro foi criado todo um mecanismo cultural. E é através da interpretação desse mecanismo, que a historiadora conclui que as influências das obras de outros estrangeiros cooperaram para essa visão deturpada do país, já que muitos desses autores, nem se quer haviam visitado o Brasil.

e, em certo sentido, eles promovem uma desclassificação por sentirem grande aversão pela população que era tida como “rude” e “inferior”.

Nesse sentido, os comentários a cerca da população demonstrava claramente a intenção de seus autores em provar a todo o momento a superioridade do branco em relação aos demais (QUEIROZ, 2006: 02). Cabe aqui enfatizar as diferenças encontradas no interior do texto dos naturalistas, na medida em que os relatos se modificam quando esses se encontram em ambientes que os remetem a Europa. Neste momento as narrativas ganham características positivas mais marcantes. Em contraponto, as referências ao sertão vinculam-se a estigmas pejorativos que buscam realçar as diferenças entre o que seria barbárie e civilização.

Entretanto, essas características trouxeram considerações importantes a respeito da percepção da realidade, revelando um mecanismo de observação e compreensão do “outro”, que revelaria valores e problemas de uma época (RATTES, 2006: 01). Os naturalistas estrangeiros foram importantes colaboradores para o conhecimento científico e territorial do Brasil, ajudando a ressaltar a importância de “incorporar” o sertão no processo civilizatório. No início do século XX, a oposição entre litoral e sertão não parecia mais inconciliável, mas de possível solução por meio de um projeto nacional que incorporasse efetivamente o interior do país. Cabe lembrar também que a idéia de nação ou sociedade nova apareceu, com frequência, associada á de sociedade americana, sem dar maior importância às diferenças entre as Américas (LIMA, 1999: 48).

O sertão foi território que se expandiu e contraiu, expressou um espaço ambíguo, um tempo fluido, um jogo de imagens, do possível ao sonho, entretanto, não se pode perder de vista que o sertão foi um discurso sobre espaços e pessoas, uma construção simbólica (ESPINDOLA, 2001: 03- 04). O sertão, sem dúvida, era vasto, era ermo e era longe. Mas já era o Brasil.

Bibliografia

CARVALHO, Márcia Siqueira de. **Da natureza á representação cartográfica**. Disponível em << <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=14&id=133> >>. Acesso em 10 de agosto de 2007.

GUIMARÃES, M. L. S.: **“História e natureza em Von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação”**. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII(2), 389-410, jul.-out. 2000. Disponível em << http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300008>>. Acessado em 22 de dezembro de 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Revisão do Paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história**. Campus. Rio de Janeiro, 2000.

DUARTE, Regina Horta. **Olhares Estrangeiros. Viajantes no Vale do Rio Mucuri**. Universidade Federal de Minas Gerais. *Revista Brasileira de História*, v.22, n°. 44, pp.267-288, 2002.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. **Um Olhar Sobre a Paisagem Mineira no Século XIX: Os Sertões São Vários**. Disponível em: << <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/ccms17.htm>>> Acesso em: 25 de Julho de 2007.

_____. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, EDUSC, 2005.

_____. **Sertão, Território e Territorialidade**. XXIV Simpósio Nacional de História. História e Multidisciplinaridade: Territórios e Deslocamentos. 15-20 de Julho de 2007. São Leopoldo, RS.

_____. **Territorialidade em Minas Gerais Durante a Crise do Sistema Colonial**. III Encontro da ANPPAS. 23 A 26 de maio de 2006. Disponível em <<http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA590-11042006-221652.DOC>> Acesso em 23 de Julho de 2007.

GENOVEZ, Patrícia Falco. **Diferentes leituras do conceito de território**. Aula Expositiva III, Ministrada em 14 de março de 2007.

HAAG, Carlos. **Um Sertão Chamado Brasil**. Disponível em << <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/extras/imprimir.php?id=3207&bid=1>>> Acesso em 15 Julho de 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
JANCSÓ, István e PIMENTA, João Paulo G. **Peças de um mosaico (ou apontamento para o estudo da emergência da Identidade Nacional brasileira)**. In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagens Incompletas: A Experiência Brasileira*. São Paulo. SENAC, 2000.

LAHUERTA, Flora Medeiros. **Viajantes e a Construção de Uma Idéia de Brasil no Acaso da Colonização (1808-1822)**. Disponível em << <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>>> Acesso em 25 de Julho de 2007.

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. 1999. Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.

LISBOA, Karen Macknow. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil” (1817-1820)**. Editora HUCITEC. São Paulo, 1997.

_____. **Olhares estrangeiros sobre o Brasil do século XIX**.

MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagens Incompletas: A Experiência Brasileira*. São Paulo. SENAC, 2000.

LUZ, Guilherme Amaral& ABREU, Jean Luiz Neves. **Percursos do olhar naturalista: a Estrada Real e os viajantes estrangeiros no Brasil (1816-1822)**. Projeto de Pesquisa financiado pela Fundação de Amparo á Pesquisa de Minas Gerais, 2003-2004.

MAXWELL, Kenneth. **Por que o Brasil foi diferente? O contexto da Independência**. In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagens Incompletas: A Experiência Brasileira*. São Paulo. SENAC, 2000.

MOURA, Marcelo Duarte. **A Indústria Artesanal de Tecidos em Minas Gerais na 1ª Metade do Século XIX**. Disponível em << www.cederplar.ufmg/seminarios/seminario_diamantina/2002/d14.pdf>> Acesso em 15 de agosto de 2007.

PAIVA, Clotilde Andrade. **População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1996 (tese de doutorado).

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 23 ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.

QUEIROZ, Bianca Martins de. **Relatos de Viagem: Um olhar sobre as Minas oitocentistas**. Cd Rom XV Encontro Regional de História ANPUH 2006, Anais.

RATTES, Cecília Luttembarck de Oliveira Lima. **Ciência e Arte: os viajantes estrangeiros do século XIX**. Cd Rom XV Encontro Regional de História ANPUH 2006, Anais.

SCHWARTZ, Stuart B. **“Gente da terra brasileira da nação”**. In: MOTA, Carlos Guilherme (org). Viagens Incompletas: A Experiência Brasileira. São Paulo. SENAC, 2000.

SPIX & MARTIUS. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, Vol. II, 1976.